

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
FACULDADE DE ARTES LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE LINGUAGENS

LUANA DA SILVA BORGES

TERMOS NEOLÓGICOS NA OBRA DE BROTERO (1788)

CAMPO GRANDE

2024

LUANA DA SILVA BORGES

TERMOS NEOLÓGICOS NA OBRA DE BROTERO (1788)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (PPGEL) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) para obtenção do título de Mestre em Estudos de Linguagem.

Orientador: Prof. Dr. Bruno Oliveira Maroneze

CAMPO GRANDE

2024

Eu, Luana da Silva Borges, autorizo a reprodução total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Assinatura: _____

Data: ____/____/____

[FICHA CATALOGRÁFICA]

Nome: Luana da Silva Borges

Título: Termos neológicos na obra de Brotero (1788)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul para obtenção do título de Mestre em Estudo de Linguagens.

Aprovada em: ____/____/____

Banca Examinadora

Orientador: Prof. Dr. Bruno Oliveira Maroneze Instituição: PPGEL-UFMS

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Prof.^a Dra. Marilze Tavares Instituição: UFGD

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Prof.^a Dra. Elizabete Aparecida Marques Instituição: PPGEL-UFMS

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Prof.^a Dra. Rosana Budny (suplente) Instituição: UFGD

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Aos meus pais, que sempre me apoiaram nos estudos.

À minha família, que me auxiliou nos momentos em que foi preciso estar ausente.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Bruno Oliveira Maroneze, que me orientou nesta jornada, auxiliando desde o princípio.

A todos os professores que participaram da minha caminhada pelo curso, pois, todos contribuíram na minha vida acadêmica.

Aos meus familiares, que me apoiaram sempre que precisei, me ajudando nos cuidados com meu filho quando precisava me ausentar para trabalhos extracurriculares.

RESUMO

BORGES, Luana da Silva. **Termos neológicos na obra de Brotero (1788)**. 2024. 52 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Faculdade de Artes, Letras e Comunicação, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2024.

O “Compêndio de Botânica”, de Félix Avellar Brotero, publicado em Paris em 1788, teve grande importância para a área de botânica em língua portuguesa. Sendo a primeira obra com conceitos e noções de botânica publicada em língua portuguesa, a obra de Brotero teve o intuito de traduzir definições que anteriormente se encontravam somente em latim. Observando a relevância da obra para estudar a história da língua portuguesa e as transformações que algumas unidades lexicais sofreram com o passar do tempo, buscamos retirar desse *corpus* unidades lexicais passíveis de análise mais precisa – diferentemente do que encontramos no dicionário Houaiss (2012) na versão on-line. Para esse tipo de análise, utilizamos conceitos da etimologia (Viaro, 2011) para fundamentar os critérios e os passos na busca histórica de cada unidade lexical. Então, tomando como base os princípios da neologia (Alves, 2011), selecionamos unidades lexicais que possam ser caracterizadas como tal para posterior investigação do processo de formação e significação. Portanto, o objetivo deste trabalho é contribuir para os estudos lexicográficos e para o “Dicionário Histórico de Termos da Biologia” (Maroneze; Rio-Torto, 2023), redigindo verbetes da área de botânica extraídos da obra de Brotero.

Palavras-chave: Etimologia. Neologia. Unidade lexical.

ABSTRACT

BORGES, Luana da Silva. **Neologisms in Brotero (1788)**. 52 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Faculdade de Artes, Letras e Comunicação, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Félix Avellar Brotero's "Compendium of Botany" ("*Compêndio de Botânica*"), published in Paris in 1788, had great importance at the time as a source of botanical knowledge in Portuguese. As the first book in Portuguese dedicated to botanical concepts and ideas, Brotero's work was meant to translate definitions previously only available in Latin. Taking into account the Compendium's importance for the history of the Portuguese language and the changes undergone by some lexical units over time, this study attempts to select from this relevant corpus lexical units lending themselves to more precise analyses – thus differing from the approach seen in the online version of the Houaiss dictionary (Houaiss, 2012). For these analyses, concepts from etymology (Viaro, 2011) were used to ground the criteria and steps used for the historical investigation of each lexical unit. Based on the principles of neology (Alves, 2011), properly characterized lexical units were then selected for further analysis of their word formation and meaning construction. With these analyses, this study aims to make a contribution to lexicographic studies by adding botanical entries extracted from Brotero's work to the Portuguese-language "Historical Dictionary of Biology Terms" ("*Dicionário Histórico de Termos da Biologia*") (Maroneze; Rio-Torto, 2023).

Keywords: Etymology. Neology. Lexical Unit.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Exemplo de um verbete no Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa	20
Figura 2 – Exemplo de um verbete no Breve Dicionario Etimologico de la Lengua Castellana	21
Figura 3 – Carta de Filinto Elísio a Félix Brotero	23
Figura 4 – Folha de rosto do “Compêndio de Botânica”, de Brotero (1788)	24
Figura 5 – Trecho do “Compêndio de Botânica”	25
Figura 6 – Página on-line de abertura do Dicionário Histórico de Termos da Biologia	27
Figura 7 – Exemplo de pesquisa com o verbete “botânica”	28

SUMÁRIO

1.	11
2.	12
2.1.	12
2.1.1.	14
2.2.	15
2.3.	17
2.4.	19
3.	22
3.1.	22
3.2.	26
3.3.	28
3.4.	29
4.	31
4.1.	31
4.2.	31
4.3.	32
4.4.	33
4.5.	33
4.6.	34
4.7.	34
4.8.	35
4.9.	35
4.10.	36
4.11.	37
4.12.	37
4.13.	38
4.14.	38
4.15.	39
5.	48

REFERÊNCIAS

1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho, visamos identificar os neologismos presentes na obra “Compêndio de Botânica”, de Brotero (1788) (Barbosa, 2023) – considerando que a tradução do latim para a língua portuguesa foi necessária e importante para estudos de botânica do século XVIII.

Após identificar os neologismos, seguindo o critério da datação nesse compêndio, fizemos uma análise mais apurada das informações etimológicas, procurando descrevê-las de maneira mais completa que a apresentada por Houaiss (2012) na versão on-line. Consideramos que o dicionário apresenta parte da etimologia apenas, e, em alguns casos, é perceptível a mistura que faz entre descrição etimológica e descrição morfológica.

O objetivo geral deste trabalho é contribuir com o “Dicionário Histórico de Termos da Biologia” (Maroneze; Rio-Torto, 2023), que apresenta uma discussão etimológica acerca de cada verbete dele de maneira mais aprofundada que outros dicionários de língua portuguesa, e também analisar todos os neologismos presentes no primeiro capítulo da obra de Brotero, que tomamos como *corpus* para a pesquisa.

O “Dicionário Histórico de Termos da Biologia” está disponível na versão on-line, e os verbetes analisados nesta pesquisa serão divulgados posteriormente no site do dicionário, na área da botânica.

Quanto aos objetivos específicos, buscamos (a) identificar os termos usados por Brotero com datação igual ou posterior aos encontrados no dicionário Houaiss; (b) pesquisar o étimo desses termos em dicionários etimológicos e em bases textuais; e (c) (re)elaborar as descrições etimológicas dos termos, com base nos dados descobertos.

Esta pesquisa, então, está organizada em três capítulos. No primeiro, tratamos dos conceitos teóricos, apresentando os critérios utilizados para definir um termo como neologismo e conceitos que julgamos necessários para a compreensão dos estudos etimológicos e terminológicos.

No segundo capítulo, descrevemos a obra de Brotero (1788), utilizada como *corpus* para esta pesquisa. Também descreveremos metodologia desenvolvida pelo orientador Prof. Dr. Bruno Maroneze para identificar e classificar os termos como neologismos e suas etimologias visando maior precisão nas descrições históricas. Também descrevemos como foram selecionados os termos analisados no decorrer da pesquisa.

Por fim, no terceiro capítulo, apresentamos a análise dos dados, ou seja, descrevemos cada um dos termos classificados como neologismo e discutimos a origem, a formação e a integração do termo à língua portuguesa.

2. CONCEITOS TEÓRICOS

2.1. NEOLOGIA

Tomando como base teórica o texto “Neologia: histórico e perspectiva”, de Maroneze e Alves (2020), neologia é um termo utilizado para designar a criatividade no âmbito lexical, na qual palavras são deixadas de ser usadas, tornam-se arcaicas, e, no lugar, unidades lexicais são criadas pelos falantes. Assim, neologia, se refere ao processo de criação; e neologismo, ao produto desse processo.

Porém, nem sempre houve essa diferenciação. Segundo Maroneze e Alves (2020), na décima edição do dicionário de Antonio de Moraes Silva e Rafael Bluteau (1789), os dois termos não são diferenciados, ou seja, ora o autor se utiliza de um, ora de outro. É na obra de Caldas Aulete (1970 [1881]), que surge esta diferença, aparecendo o termo neologofobia, para sentimento de aversão ao neologismo, e neologofilia, o gosto por neologismo.

Segundo os autores, no dicionário Houaiss (2012), foram registradas três acepções ao verbete “neologia”. A primeira é o emprego de palavras derivadas ou formadas de outras já existentes; a segunda é a atribuição de novo sentido; e a terceira, por fim, é a unidade léxica criada por esses processos. Portanto, a neologia é associada à novidade que ainda não está no dicionário.

Para Maroneze e Alves (2020), o estudo da neologia em língua portuguesa se deu com a criação de observatórios no Brasil e em Portugal a partir de 1990. Numa perspectiva histórica, a neologia passou a designar a criação de termos nas áreas de especialidade, tendo relação com a terminologia, e, então, passamos a encontrar neologismos em textos técnico-científicos.

Ainda segundo os autores, Saussure (2015) já apontava indícios do que seria neologismo na formação de palavras, como, por exemplo, onde o falante poderia “inventar” um novo significado para uma expressão. Assim, para Saussure (2015), neologismo seria um fato da fala, não de língua, por isso não despendeu mais atenção ao assunto – assim como ocorreu em alguns estudos de linguística gerativista.

Para Maroneze e Alves (2020), a linguística funcionalista, surgida na segunda metade do século XX, é compatível com o estudo da neologia, pois analisa o uso da língua no meio comunicativo, na interação social.

A criação de uma nova unidade lexical pode se dar por meio de diferentes processos linguísticos. Alves (2007) descreve os processos de derivação, composição e estrangeirismo,

entre outros, os quais são objeto de reflexão por linguistas de diversas correntes teóricas (Alves; Maroneze, 2020, pp. 19–26).

A derivação pode ocorrer por meio da prefixação ou da sufixação, ou seja, podemos acrescentar partículas em uma unidade lexical que já existe, e formar uma nova como não empregada antes.

A derivação prefixal ocorre quando é acrescentado prefixo, ou seja, um elemento não autônomo é incluído antes do radical da palavra, a exemplo de *indescartável*. Neste caso, o prefixo nega o sentido da palavra em que deriva, assim, mesmo que um indivíduo não saiba o significado da nova palavra, pelo radical, e por conhecer outras palavras em que o prefixo in- é de negação, podemos tirar conclusões sobre seu sentido.

Já a derivação sufixal ocorre quando acrescentamos um sufixo à palavra que já existe, e assim, modificamos seu sentido por meio de um elemento acessório. Por exemplo, em *cirandeira*, foi acrescentado o sufixo -eiro em uma palavra já existente para expressar que um sujeito é responsável pela realização da ciranda.

Para além da criação de um neologismo, é importante também refletir sobre a sua integração ao léxico da língua. Nesse sentido, Barbosa (1978, p. 195) apresenta uma reflexão envolvendo três momentos:

- a) O [momento] que diz respeito ao instante mesmo de sua criação;
- b) O momento pós-criação, que se refere à recepção, ou ao julgamento de sua aceitabilidade por parte dos destinatários, bem como a sua inserção no vocabulário e léxico de um grupo lingüístico-cultural;
- c) O momento em que começa a dar-se a sua desneologização¹.

Dessa forma, para estudar o percurso histórico de uma unidade lexical neológica, faz-se necessário descrever esses três momentos. O primeiro deles é de difícil identificação, pois, muitas vezes, resulta “da ação individual de um locutor” (Barbosa, 1978, p. 196), e é o momento que visa ser abarcado pelo conceito de *terminus a quo* – que será mais aprofundado a seguir. O “momento pós-criação” e o momento da “desneologização” envolvem questões metodológicas que também serão apontadas mais adiante.

¹ Por “desneologização” a autora entende a “perda da consciência do fato neológico” (Barbosa, 1978, p. 206).

2.1.1. *Terminus a quo*

Nos estudos de etimologia, é comum denominar de *terminus a quo* a ocorrência mais antiga já encontrada para determinada unidade lexical (Viaro, 2011, pp. 106-9). Essa ocorrência coincide raramente com o momento da criação do neologismo, mas é uma evidência de que determinada unidade lexical já existia em certo período. Conforme afirma Viaro (2011, p. 107, grifos do autor),

a *datação* da ocorrência mais antiga é importante porque só por meio dela saberemos que *naquela sincronia* a palavra já era usada. Se a invenção da palavra é contemporânea à documentação ou se ela só foi grafada séculos depois, é uma questão que se coloca apenas hipoteticamente.

O *terminus a quo* auxilia na elaboração de hipóteses etimológicas, ao determinar com maior precisão a antiguidade de determinada unidade lexical. Do ponto de vista dos estudos de neologia, pode-se afirmar que o *terminus a quo* permite traçar hipóteses de quando determinada unidade lexical foi um neologismo.

O segundo momento apontado por Barbosa (1978) refere-se ao julgamento da aceitabilidade do neologismo por parte dos falantes da língua. Ao contrário do momento da criação do neologismo, este parece ser, na verdade, um período mais ou menos longo, assim como é o terceiro momento, isto é, o da desneologização. Do ponto de vista metodológico, a identificação desses momentos precisa ser feita a partir de “pistas” textuais.

Alves (2007, pp. 83-4) aponta que a consciência da inovação lexical, o que ela chama de “sentimento de neologia”, pode ser expressa graficamente (por meio de recursos como aspas ou itálico) e/ou por recursos metalinguísticos, como a indicação de um sinônimo ou o emprego de expressões como “o chamado”, “o dito” etc. Assim, a presença de recursos indicando o sentimento de neologia são uma evidência de que o neologismo está tendo a sua aceitabilidade testada e, portanto, são uma evidência do segundo momento apontado por Barbosa (1978).

Em relação à desneologização, Barbosa (1978, p. 206) afirma que “a alta frequência de termos novos, bem como o maior contacto que os falantes-ouvintes vão tendo com eles, tornam-nos conhecidos e fazem, pouco a pouco, desaparecer o impacto da novidade lexical”. Assim, uma frequência relativamente alta da unidade lexical no *corpus* parece ser um indício adequado de que não se trata mais de um neologismo. Além disso, o registro da unidade lexical em dicionários é uma evidência ainda mais contundente da desneologização: “A consagração final da palavra neológica é a sua inserção no dicionário, porque o registro de um termo no dicionário confere-lhe o estatuto de elemento lexical da língua” (Barbosa, 1978, p. 205).

Contudo, Alves (2007) destaca que, para uma unidade se integrar de fato ao léxico da língua, ou seja, ser descrita nos dicionários de língua portuguesa, não basta apenas ser utilizada pelos falantes, pois devem ser considerados fatores extralinguísticos, tais como, economia, política e cultura, para determinar a integração da unidade à língua.

2.2. TERMINOLOGIA DIACRÔNICA

A Teoria Geral da Terminologia (TGT) era estudada de maneira sincrônica até o final do século XX (Barros, 2004). Segundo a TGT, “o signo terminológico só pode ser analisado por um enfoque sincrônico” (BARROS, 2004, p. 60), observando que novas descobertas vão surgindo nos estudos científicos, assim como novos “nomes” precisam ser dados.

A partir do século XX, começam a surgir trabalhos preocupados em descrever diacronicamente os termos científicos, estudando como foram formados a partir do processo de formação de palavras na língua portuguesa. Nesse cenário, surgem os estudos terminológicos, que analisam a formação diacrônica desses termos científicos, demonstrando o processo pelo qual passaram e a motivação para tal nome.

Maroneze (2019) entende neologismos terminológicos da seguinte forma:

Ao se estudar o vocabulário científico, um dos conceitos mais importantes é o de neologismo terminológico (cf. ALVES, 2001 para um estudo sobre as relações entre neologia e terminologia). O neologismo é conceituado por Alves (2007, p. 5) como uma nova palavra, resultante de um processo de criação lexical. No âmbito das linguagens de especialidade, neologismos surgem com muita frequência, para expressar conceitos novos (Maroneze, 2019, p. 98).

Assim, definiremos neologismos terminológicos como aqueles termos criados para nomear conceitos novos, e, a partir disso, por meio da história da etimologia, buscar chegar até o processo de integração do termo à língua portuguesa.

Constatamos que desde a criação da disciplina terminologia já se encontram alguns obstáculos, como veremos adiante com Macedo (2019, p. 4):

Os obstáculos (1) de ordem teórica e histórica, estariam na criação da disciplina Terminologia. Fundados estritamente na lógica, os princípios da Teoria Geral da Terminologia, de Eugen Wüster, como a monorreferencialidade, a univocidade, a ausência de conotação e, principalmente, o tratamento sincrônico das terminologias não dariam espaço a abordagens diacrônicas, calçadas nas possibilidades de mudança.

O Macedo (2019) ainda discute que, com o avanço tecnológico, foram possíveis análises mais precisas nos estudos terminológicos, mas que a terminologia ainda esbarra em alguns obstáculos:

Os obstáculos (2) de ordem técnica, dizem respeito à falta de recursos informáticos, textuais e financeiros para os estudos diacrônicos, já que todos estariam alocados nos estudos sincrônicos.[...]. Os obstáculos (3) de ordem pragmática, dão-se na medida em que as demandas à Terminologia (por empresas, laboratórios etc.) dizem respeito a utilizações de caráter prático na dimensão sincrônica das terminologias e os estudos diacrônicos não apresentariam esse caráter. Os obstáculos (4) de ordem psicológica, surgem em função do hábito dos pesquisadores de analisar o aspecto estatístico da língua, muito mais do que seu aspecto mutável. Também pesa o fato de o termo diacronia trazer uma carga de preconceitos, ligando-o a noções de arcaísmo, de documentos velhos etc., dificultando a simpatia frente à abordagem. (p. 04)

Portanto, observamos que essa é uma área que teve muitas dificuldades para consolidar um método efetivo, visto que se pensava somente em terminologia sincrônica até o século XX. A partir do ano 2000, os estudos terminológicos no Brasil ganham destaque, principalmente aliados à teoria sociocognitiva da terminologia e à linguística cognitiva, com pesquisas como “Terminografia médica no Brasil no século XIX”, de Maria da Graça Krieger; “Estrutura e funcionamento dos dicionários jurídicos no Brasil do século XIX”, de Anna Maria Becker Maciel e “Terminografia brasileira no final do século XIX: contraponto entre domínios emergentes e consolidados”, de Maria José Finatto. Todos publicados na seção “Terminologia diacrônica”, do livro “Temas de Terminologia” (Krieger; Maciel, 2001).

Entendendo a importância e relevância para a lexicografia e para os estudos terminológicos, propomos estudar as *línguas de especialidades*, ou seja, buscar em textos científicos, com olhar diacrônico, a história e o processo evolutivo de tais termos, como vemos a seguir em Finatto (2020, p. 25):

A história de uma especialidade ou de um domínio de conhecimento, portanto, repercute sobre seus atuais usos linguísticos e convenções de discurso. A Terminologia Diacrônica trata justamente de recuperar e sistematizar essas transformações entre o presente e o passado. Assim, em tese, o estudo de um texto do passado deve auxiliar a melhor entender as motivações para a linguagem dos textos do presente.

Sendo assim, pretendemos com esta pesquisa, contribuir para os estudos da terminologia diacrônica, realizando análise histórica de termos científicos, em especial aos relacionados à área da botânica a partir do “Compêndio de Botânica”, de Brotero (1788). Entendemos que a terminologia diacrônica exige um trabalho minucioso e atento de quem se dispõe a contribuir para tal ciência, que presta suas contribuições para outras áreas científicas, como a historiografia.

Assim, analisaremos nas unidades lexicais que compõem este *corpus* as mudanças que ocorrem ao longo do tempo na linguagem técnica até chegar, de maneira mais efetiva, na história dos termos.

Para tanto, iniciaremos retroagindo a datação das unidades lexicais, ou seja, buscando atestações anteriores a que os dicionários trazem, especialmente o dicionário Houaiss (2012). E, por fim, pelo viés diacrônico, visamos conferir se as unidades lexicais analisadas sofreram mudanças no tempo, e de que maneira são utilizadas na atualidade.

2.3. ETIMOLOGIA

Não podemos afirmar quando surgiu a etimologia, porém, há indícios de seu estudo desde os textos de Heráclito (540-470 a.C.), em que se percebe a preocupação com palavras parecidas, formando um jogo desconhecido pelo próprio falante, como revela Viaro (2011) em seu livro “Etimologia”.

Segundo esse autor, os seguidores de Heráclito passaram a notar que algumas palavras sofreram modificações com o passar do tempo, o que seria o início da diacronia no Ocidente (Viaro, 2011). O autor ainda expõe que Sócrates passa a se empenhar na etimologia de grupos de palavras, como nome de deuses e astros, e conclui que tais nomes são derivados de um primitivo.

Assim, ainda segundo Viaro (2011), para conhecer a sua etimologia, seria preciso decompor o nome, para poder ver de onde veio, ou seja, qual foi a sua composição a partir de nomes primitivos. Quando não for mais possível perceber o nome primitivo, deve considerar o sentido que cada fonema possui na formação de uma unidade, como, por exemplo, o som de *r* denotar movimento, *ps*, *ph*, *s*, *z* uma agitação, entre outros exemplos citados pelo autor (Viaro, 2011).

Então, passam a surgir várias etimologias para uma mesma palavra, tendo em vista que tal assunto desperta o interesse do falante, que percebe que um nome é carregado de sentidos advindos de cada parte morfológica.

Viaro (2011) revela que tal preocupação, ou curiosidade, na maioria das vezes pode motivar os falantes a imaginarem e criarem supostas histórias, fantasiosas e irreais, sobre palavras utilizadas no dia a dia. Por isso, é preciso compreender o que é de fato o étimo – conceito que definiremos a seguir. Ainda segundo Viaro (2011, p. 9, grifo do autor): “Diremos que o étimo de uma palavra investigada é *a forma equivalente da mesma palavra, imediatamente anterior numa sincronia pretérita qualquer*”.

A exemplo da unidade lexical *fotográfico*, que tem a etimologia grega apontada pelos dicionários, como se a palavra tivesse sido criada na língua portuguesa pela junção de termos gregos, que significaria *escrever + luz + sufixo ico*, o que é uma etimologia fantasiosa, pois, tal

palavra não foi criada na língua portuguesa, mas, sim, emprestada do francês (Viaro, 2011). Este, sim, criou tal palavra e a partir daí se formaram correspondentes em outras línguas, então, *fotográfico* apresenta um étimo francês.

Veremos, no decorrer da análise dos dados, que alguns dicionários, como, por exemplo, o dicionário Houaiss (2012), fazem confusão no que diz respeito à descrição etimológica e à morfológica. Houaiss (2012, descreve a morfologia de algumas entradas como sendo erroneamente étimos – como poderemos constatar nos exemplos que trazemos no decorrer da pesquisa.

Assim, ressaltamos a diferença entre étimo e origem: étimo diz respeito à língua da qual utilizamos como referência para integração de uma unidade lexical, que, no exemplo francês anterior, foi por empréstimo; já a origem, se refere à raiz dos elementos da unidade lexical.

Percebemos que o dicionário Houaiss (2012), disponível na versão on-line, faz confusão ao se referir ao étimo das entradas, visto que, em muitos casos, a descrição é morfológica e não etimológica, como ele se refere. Então, observamos ser uma etimologia incompleta, por isso, discutiremos os étimos de maneira mais eficiente e completa neste trabalho.

Na busca por fazer etimologia com rigor científico, utilizaremos critérios e etapas estabelecidas por Viaro (2011), especialmente no que diz respeito ao *terminus a quo* – o qual é a marcação da integração de uma unidade lexical na língua portuguesa, ou seja, a datação apontada pelos dicionários.

Nesse cenário, surge o problema da incerteza da datação correta, visto que a língua falada evolui e se transforma de maneira mais rápida que na língua escrita, assim, para localizar registros do uso de uma unidade lexical, se sabe que anteriormente já era utilizada na fala. Portanto, a datação se revela como uma problemática para estudos etimológicos, que passa a buscar a data mais anterior possível para as unidades lexicais.

Outro ponto que consideraremos no decorrer da pesquisa é a retroação das palavras, tendo em vista que os dicionários apresentam falhas no que diz respeito à data recuada, ou seja, apresentam uma data que podemos realizar pesquisa e encontraremos uso de tal unidade lexical em período anterior ao indicado pelo dicionário.

Sendo assim, esta pesquisa demonstra preocupação com a retroação das datas e visa contribuir para diminuir tais falhas presentes nos dicionários de língua portuguesa, especialmente o Houaiss (2012) na versão on-line.

Seguindo as etapas adotadas por esse método de etimologia, verificaremos a origem das palavras tomadas como *corpus*, considerando que a maioria é de origem latina. Viaro (2011) aborda a diferenciação na classificação de palavras com essa origem:

Em Filologia costuma-se distinguir as palavras de origem latina em:

- palavras herdadas diretamente do latim falado (*vulgarismos* ou *elemento popular*), que sofreram mudanças de forma e significado, muitas vezes acentuadas;
- palavras latinas veiculadas por meio da Ciência, da Religião, da Literatura, da Política e da Filosofia (*cultismos* ou *eruditismos*) que apenas se adaptaram foneticamente na passagem de um sistema a outro, embora a mudança semântica seja, por vezes, tão grande quanto ao termo popular (Viaro, 2011, p. 114, grifos do autor).

Assim, entendemos como palavras herdadas as palavras que vieram do latim, mas que sofreram modificações no sentido ou na forma; e como palavras eruditas aquelas que sofreram apenas adaptações para se integrarem à língua portuguesa. Então, as palavras herdadas decorrem da linguagem coloquial, do uso que o falante faz; já as palavras eruditas decorrem da linguagem culta, uma vez que são integradas na forma padrão do latim por meio de pequenas adaptações.

2.4. DICIONÁRIOS HISTÓRICOS E ETIMOLÓGICOS

Partindo do pressuposto de que os dicionários podem ser divididos em gerais e especiais. Os *dicionários gerais* são aqueles que tratam da língua em sua contemporaneidade, de forma sincrônica e alfabética. Já os *dicionários especiais*, são os que observam a língua em sua diacronia e historicidade, como, por exemplo, onomasiológicos e neológicos.

Há uma discussão entre os termos “dicionário histórico” e “dicionário diacrônico”, como Welker (2004) expõe em seu livro, que, no fim, seriam apenas formas diferentes de nomear a mesma coisa. Para Merkin (1983), o dicionário histórico teria o objetivo de descrever o desenvolvimento de uma unidade lexical desde seu aparecimento. Então, Biderman (1984) afirma que esse tipo de dicionário possui ainda outra subdivisão:

Existem vários tipos de dicionários históricos. Há um que se baseia no vocabulário e na língua de determinada época histórica. São exemplos desse tipo os vários dicionários sobre a Idade Média que possuem algumas línguas européias. [...] Outro tipo de dicionário histórico é o pancrônico, muitas vezes rotulado de etimológico. Sendo elaborado a partir da perspectiva da língua contemporânea, ele se ocupa dos estágios anteriores do idioma, remontando à origem das palavras; tenta acompanhar a evolução histórica dos vocábulos [...]. (Biderman, 1984, p. 52)

Pensando nisso, Welker (2004) argumenta que apesar do conflito entre essas nomenclaturas, dicionários históricos se preocupam com a diacronia. Para entender melhor o funcionamento de um dicionário histórico ou etimológico, apresentaremos uma breve descrição de duas obras: o dicionário etimológico de língua portuguesa de Antônio Geraldo da Cunha e o dicionário etimológico de língua espanhola de Juan Corominas.

O “Dicionário Etimológico de Língua Portuguesa”, de Antônio Geraldo da Cunha (2010), apresenta seis formas de descrever as entradas, o que, segundo o autor, facilita para o leitor ir direto ao verbete conforme o que se pretende. Por exemplo, se quisermos saber a etimologia e a evolução histórica de um único vocábulo, há um tipo de descrição que aponta somente isso. Há também descrições que abordam uma entrada primitiva, para estudar a etimologia e evolução histórica desse vocábulo e seus derivados, compostos e cognatos em ordem alfabética.

A seguir, podemos observar como é a descrição de um verbete nesse dicionário (Cunha, 2010, p. 99):

Figura 1 – Exemplo de um verbete no Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa

botânica *sf.* ‘parte da biologia que estuda as plantas’ XVIII. Do fr. *botanique*, deriv. do gr. *botanikḗ* ‘(ciência) que trata das ervas, das plantas’ || **botânico** *adj.* ‘relativo à botânica’ XVIII; *sm.* ‘especialista em botânica’ XVIII. Do lat. tard. *botanicus*, deriv. do gr. *botanikós* || **botanófago** | *-ph-* 1871 || **botanófilo** 1899 || **botanografía** | *-ph-* 1858 || **botanomancia** 1871 || **botanomante** XX.

Fonte: captura de tela Cunha (2010, p. 99).

Assim, o verbete é descrito, e os termos derivados do termo primitivo *botânica* são apresentados. Ainda são descritos as datações dos termos derivados, compostos e cognatos em ordem alfabética.

A respeito das datações, Cunha (2010) afirma que foram colocadas as primeiras atestações encontradas, tomando bastante cuidado para ser o mais fiel possível. Contudo, ele revela que tais datas podem ser recuadas, pois, quando se trata da lexicografia histórica portuguesa, ainda há muitos atrasos.

Cunha (2010) defende que a etimologia descrita nas entradas foi curta e objetiva, pois o dicionário visava também atender a um público não especializado e curioso quanto à origem e etimologia das palavras. Assim, de imediato, foram descritos os étimos para as entradas que tinham informações mais completas, sobre a história de sua integração ao léxico português.

Pensando no espaço físico do dicionário, Cunha reuniu os verbetes em palavras compostas, derivadas e cognatas, que possuíam alguma relação etimológica, assim, a consulta poderia ser feita de forma mais rápida e pouparia espaço em vez de descrever as entradas separadas, como se faz em outros dicionários.

De maneira geral, Cunha consegue reunir informações histórico-etimológicas dos verbetes por ele analisados e deixa transparecer que o dicionário sofrerá modificações e atualizações, tendo em vista que a etimologia das palavras pode sofrer retrodatação e reconstrução da sua história a partir de novos estudos lexicográficos.

Para comparar as informações, consultamos também o dicionário de Juan Corominas (2005). Podemos observar que o autor faz o percurso histórico da integração dos termos: em alguns, relata as regiões com mais ocorrências de uso, descrevendo a própria experiência ao observar falantes nativos usando os termos.

Corominas (2005) apresenta, na sequência da discussão histórica, os verbetes derivados do principal e o seu uso em frases. Seu dicionário histórico-etimológico da língua castelhana traz os étimos latinos e gregos, demonstrando que pode haver semelhanças entre as duas línguas, como, por exemplo, no verbete *abismo*:

Figura 2 – Exemplo de um verbete no Breve Diccionario Etimologico de la Lengua Castellana

ABISMO, probablemente del lat. vg. ***ABYSSI-**
MUS, derivado del lat. *abyssus* id. y éste del gr.
ἀβυσσος 'sin fondo', 'abismo', derivado de βυσσός
'fondo'. 1.ª doc.: 1219 (*avismo*)¹

Se ha dudado acerca del origen de la termina-
ción *-ismo*, pero me parece convincente la obser-
vación de Leite, *RL IV*, 268, que ha pasado inad-
vertida: se formaron en el latín familiar muchos

Fonte: captura de tela Corominas (2005, p. 15).

Assim, dicionários histórico-etimológicos, além de se preocuparem com a raiz etimológica dos verbetes, buscam construir um perfil histórico, investigando como ocorreram as integrações ao léxico da língua. Tal preocupação é percebida em várias línguas, como vistos nos exemplos de verbetes nos dicionários históricos de língua portuguesa e de língua castelhana.

3. METODOLOGIA

3.1. BREVE DESCRIÇÃO DA OBRA DE BROTERO

Félix da Silva Avellar, mais conhecido como Félix de Avellar Brotero (1744-1828), foi autor da obra “Compêndio de Botânica”, de 1788, que reuniu conceitos da botânica em língua portuguesa. A obra foi de extrema importância tanto para pesquisas e estudos na área de biologia quanto para investigações sobre a história da língua portuguesa.

Segundo Reale (1955) e Castel-Branco (2007), Brotero era redator da *Gazetas de Lisboa*, onde expunha seus pensamentos filosóficos ao lado de seu grande amigo Filinto Elísio. Este foi considerado suspeito pelo Santo Ofício, então exilado. Nesse momento, Brotero decide sair de Portugal com seu amigo, motivo pelo qual sua obra foi publicada, em 1788, em Paris – onde ele passa a adotar o sobrenome Brotero.

A relação de Brotero e Filinto Elísio era de muita fidelidade, já que Brotero se dispôs a ser exilado com o amigo. Castel-Branco (2007), em seu livro, menciona uma carta deixada por Filinto antes de falecer a Brotero, na qual transbordava de sentimentos pelo amigo – como é possível observar no trecho a seguir.

Figura 3 – Carta de Filinto Elísio a Félix Brotero

No entanto, a verdadeira história desta amizade entre Francisco Manuel e Félix de Avelar só nos é dada a compreender na carta do fim da vida que Filinto escreveu a Brotero. Como tudo o que vem da mão de Filinto, a história da carta é turbulenta e transborda de sentimentos, conseguindo mesmo assim chegar ao seu destino. A carta é comovente e despretensiosa. O estilo limpo confirma que o esforço despendido por este poeta para defender a pureza da língua portuguesa atingiu também aqui, num minúsculo testemunho pessoal, a sua meta. É um poema em prosa que só pode ser dado a ler por inteiro:

“Paris, 20 de Setembro de 1814

Tinha eu, querido e suspirado Amigo, escripto longa e circumstanciada carta, em que lhe dava conta da minha vida, em que aos pés lhe pedia perdão de offensas que a minha má criação e a falta de conhecimento do Mundo me fizerão commeter. Entreguei-a (e fiz mal) a um Portuguez para que a desse ao Encarregado dos negócios de Portugal. Veio-se-me depois com desculpas que a perdera: mas das desculpas mesmas concebi que fora lida a minha carta, e que não será entregue ao meu Avellar, que eu desejava tanto, qu'elle a lesse, e della comprehendesse quam saudosa Amisade sempre lhe conservei. Bem me podem inculcar, que eu nesta dizer posso o que ia na outra carta. Mas os que m'o disserem, não attentarão que 80 anos, que a mão me treme, cansada de escrever, da muita idade, e de aturadas consumições.

O principal motivo que me moveu a escrever a carta que se perdeu, foi a saudade, que é também o motivo desta, e o alvoroço com que receberei resposta. Ah! Que se assim como lhe escrevo me fosse dado c'os braços meus cingi-lo ao peito! Diga-me que saúde logra; como lhe honrão o seu merecimento os instruídos Portuguezes; esteja certo que os Francezes que correm a carreira Botânica e outros ainda o tratão nos livros, e na conversação o tratão com veneração e respeito, de que eu sou abonada testemunha. E bem pode ajuizar do intimo affecto, e obrigação que lhe tenho com que prazer, com que jubilo escuto os seus louvores.

Querem imprimir a versão que em metro Portuguez fiz do poema dos *Martyres* que em prosa compôs F. A. de Chateaubriand, muito louvado, e muito criticado. Dizem os Portuguezes que entendem Poesia que é a melhor cousa que eu tenho feito. Eu todavia, creio que melhor sahiria da minha mão, se ao pé de mim estivesse o meu Quintilio Avellar, que como em certa carta impressa eu disse ha muitos annos:

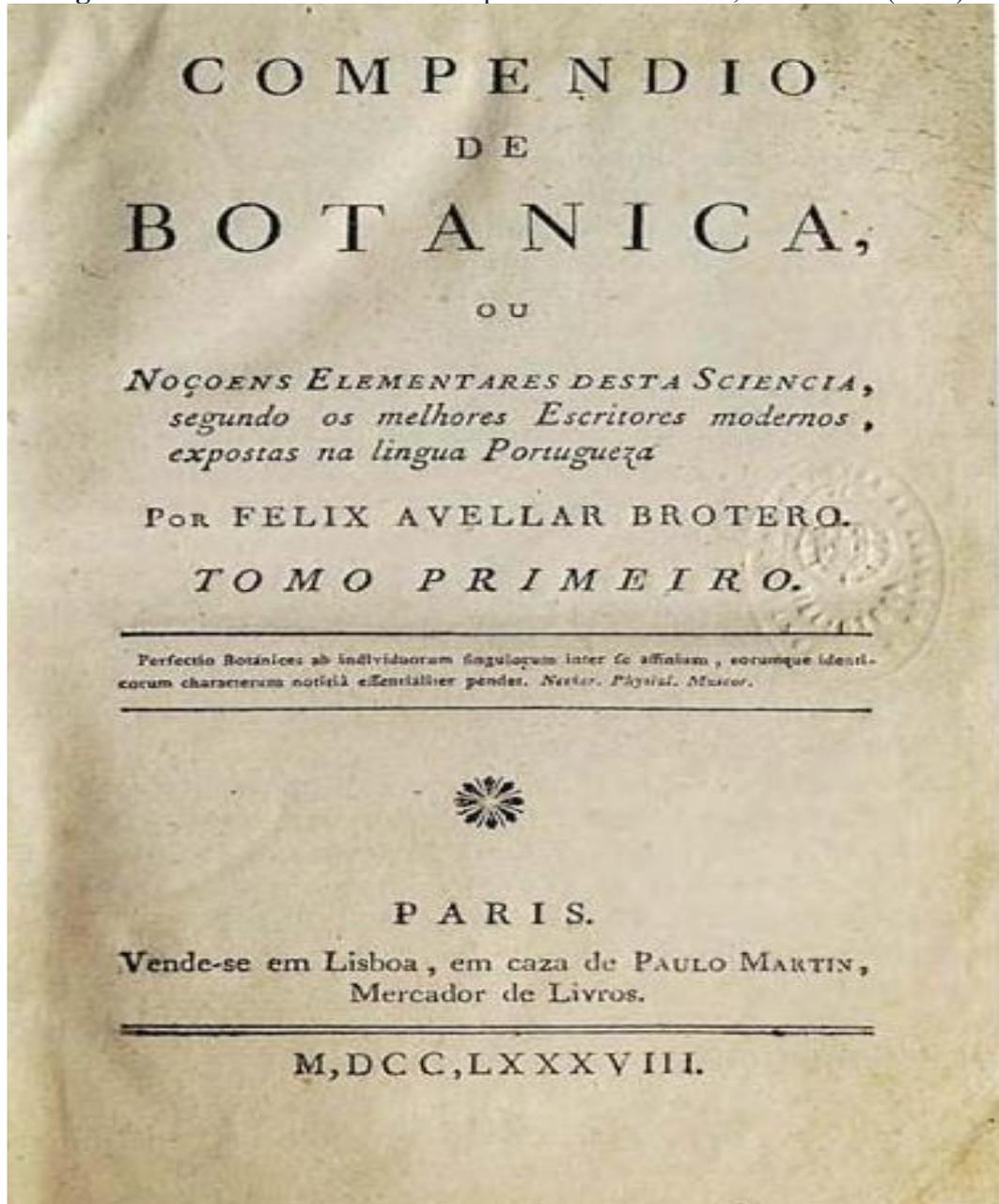
Fonte: captura de tela de Castel-Branco (2007).

Por essa carta, podemos entender que Brotero e Filinto tiveram uma briga entre si, o que fez Brotero querer voltar a Portugal, mesmo que tenha revelado que o que motivou a sua volta a Portugal foi a crueldade que presenciou na Revolução Francesa.

Ainda nessa carta, Filinto pede perdão a Brotero, mas não revela o motivo, o que transparece que realmente houve um atrito entre os dois, que deveria ter ocasionado a volta de Brotero do exílio.

Brotero passou doze anos no exílio, redigindo e traduzindo textos de medicina. Em 1788, em Paris, Brotero reuniu seus estudos sobre botânica, pelas experiências e estudos que fez na Europa, e publicou em língua portuguesa o “Compêndio de Botânica”.

Figura 4 – Folha de rosto do “Compêndio de Botânica”, de Brotero (1788)



Fonte: fotografia da folha de rosto da obra de Brotero (1788).

A obra de Brotero foi publicada em dois volumes, precedido de um prólogo e um discurso preliminar de sessenta e oito páginas, nas quais são apresentados conhecimentos de botânica da época. O primeiro volume foi publicado com conhecimentos gerais de botânica; e,

no segundo volume, foram anexados apêndices e um dicionário de português com termos latinos.

Brotero ainda faz críticas à Sagrada História, especificamente ao Jardim do Paraíso, crítica essa que chama atenção por existir uma discussão etimológica em torno de histórias bíblicas. No trecho a seguir, temos a discussão que Brotero (1788) faz à folha da bananeira, descrita como vestimenta de Adão e Eva na Bíblia:

Figura 5 – Trecho do “Compêndio de Botânica”

O Estudo dos vegetaes he tam antigo como a especie humana , ella parece ter sido obrigada a adquirir ideas particulares destes entes antes de todos os mais conhecimentos da natureza. Se consultamos a Sagrada Historia , ella nos presenta o primeiro homem no meyo de hum delicioso jardim , nutrindo-se de hervas (a) e fructos de arvores , e usando das folhas de hum vegetal por primeiro vestido ; ella nos declara expressamente que esta sorte de alimentos fora a so, indicada pelo Eterno ao primeiro par da especie humana (b) , e nos da a entender que as primitivas geraçoens antepuseram durante muitos seculos o uso da comida vegetal a da animal (c). Segundo os sentimentos de

Epoc
Botanic
plicada
traditiv

(a) As folhas da bananeira (*Musa paradisiaca* , Lin.), planta propria dos climas do Tigre e Euphrates , e a cujos fructos alguns autores antigos chamaõ figos , foraõ provavelmente as que Adam empregou para fazer o sayotte com que se cobrio ; ellas faõ de huma sufficiente solidez e algumas tem cinco pés de comprimento , e huma largura proporcionada ; os fios tirados do corpo da planta , podiaõ facilmente ser empregados para cozer as ditas folhas. Milton contudo foy de parecer que as folhas com que Adam e Eva se cobriraõ foraõ as da figueira de Bengala ; mas isto he menos verosimil , visto que ellas tem , quando muito , oito pollegadas de comprimento e tres de largo.

(b) Dixitque Deus : ecce dedi vobis omnem herbam afferentem semen super terram & universa ligna , quæ habent in semetipsis sementem generis sui ut sint vobis in escam. (*Genes. Cap. I.*) Et comedes herbas terræ. (*Genes. Cap. 3.*).

Fonte: captura de tela de Brotero (1788).

O “Dicionário Histórico de Termos da Biologia” (Maroneze, 2022), disponível on-line, na seção de curiosidades, aponta para duas reflexões acerca da nota de rodapé que Brotero (1788) faz sobre a folha da bananeira utilizada por Adão e Eva:

A reflexão mais óbvia que se pode fazer é justamente sobre a relevância e a cientificidade da questão. Nenhum cientista do século XXI, por mais religioso que

possa ser, entenderia ser relevante identificar a que variedade de figueira o autor do Gênesis estaria se referindo. Brotero, no entanto, não viu problema em analisar essa questão numa obra de caráter científico.

Em segundo lugar, observamos outra característica do fazer científico de Brotero que seria praticamente inconcebível no século XXI: o autor não viu problema em “debater” suas ideias com um poeta, em vez de outro cientista. Milton, mencionado por Brotero, é o poeta John Milton (1608-1674), autor do poema “Paraíso Perdido”, que narra em versos algumas histórias do Gênesis. Ao narrar o trecho em que Adão e Eva costuram suas roupas (“*Paradise Lost*”, livro 9, versos 1100-1110), Milton descreve a árvore de onde eles tiraram as folhas (a figueira de Bengala); Brotero, por sua vez, acha “inverossímil” a narrativa poética de Milton (que, obviamente, por ser poética, não tem compromisso com a realidade dos fatos) e hipotetiza que a árvore seria, na verdade, uma bananeira (Maroneze, 2022).

É nítido que a percepção de ciência que se tinha na época não é a que temos atualmente, visto que Brotero discutia etimologia de histórias e narrativas poéticas – que não podem ser comprovadas cientificamente –, mas que na época poderiam ser discutidas com rigor científico sem questionamentos.

Percebemos que no “Compêndio de Botânica” (Brotero, 1788), em algumas páginas, o texto de rodapé é maior que o texto em si, por serem nessas notas que Brotero fazia suas considerações acerca dos conceitos sobre botânica do século XVIII. Também observamos que Brotero era criacionista: ele criava teorias para conceitos botânicos que foram objetos de seus estudos durante o tempo que ficou exilado.

Quando retornou para Lisboa, Brotero ficou responsável pelo jardim botânico de Coimbra, sucedendo a Domingos Vandelli (1730-1816). Nesse período, Brotero também lecionava sobre seus conhecimentos de botânica e suas experiências adquiridas fora de Portugal.

O primeiro volume do “Compêndio de Botânica” (Brotero, 1788), utilizado como *corpus* para esta pesquisa, possui em torno de 550 páginas e está dividido em 41 capítulos, disponível na versão PDF no site da USP.²

3.2. DICIONÁRIO HISTÓRICO DE TERMOS DA BIOLOGIA

O “Dicionário Histórico de Termos da Biologia” está disponível em versão eletrônica³ e conta com discussões etimológicas de verbetes retirados de textos científicos do século XVIII.

O *corpus* desse dicionário é composto por três obras: “Compêndio de Botânica”, de Félix de Avelar Brotero (1788), “Anatomia do corpo humano”, de Bernardo Santucci (1739) e “Diccionario dos termos technicos de Historia Natural”, de Domingos Vandelli (1788).

² Ver <https://obrasraras.usp.br/xmlui/handle/123456789/1502>. Acesso em: 15 jul. 2024.

³ Ver <https://dicbio.fflch.usp.br/>. Acesso em: 15 jul. 2024.

O “Dicionário Histórico de Termos da Biologia” visa compilar informações histórico-etimológicas da área da biologia, especialmente de botânica, de modo a contribuir com os estudos lexicográficos. O coordenador deste dicionário é o Prof. Dr. Bruno Maroneze, quem auxilia alunos de graduação e pós-graduação, das Universidades Federais de Mato Grosso do Sul (UFMS) e da Universidade Federal de Grande Dourados (UFGD), a alimentarem o dicionário com verbetes das entradas retiradas dos *corpora* mencionados. A seguir, temos a página on-line de abertura do “Dicionário Histórico de Termos da Biologia”:

Figura 6 – Página on-line de abertura do Dicionário Histórico de Termos da Biologia

Dicionário Histórico de Termos da Biologia Home Consulta Documentação Curiosidades

Sobre este dicionário

O Dicionário Histórico de Termos da Biologia, em elaboração, traz definições e informações histórico-etimológicas para termos da Biologia extraídos de textos científicos do século XVIII.

Atualmente, o dicionário contém 103 verbetes, com definições e informações histórico-etimológicas; também contém exemplos extraídos do *corpus*, formado por obras do século XVIII disponíveis online.

A descrição do *corpus*, a equipe e outras informações relevantes encontram-se em “Documentação”.

Este projeto é filiado ao Núcleo de Apoio à Pesquisa em Etimologia e História da Língua Portuguesa, coordenado pela Prof.^a Dr.^a Vanessa Martins do Monte, e também conta com o financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Para comentários, perguntas e sugestões, contate brunomaroneze@ufgd.edu.br

Atualizações

- 27 novembro 2023 - Inclusão do verbete “aurícula”
- 20 novembro 2023 - Inclusão do verbete “cirro”
- 14 novembro 2023 - Inclusão do verbete “cardínula”
- 06 novembro 2023 - Inclusão do verbete “concameração”
- 30 outubro 2023 - Inclusão do verbete “papila”
- 22 outubro 2023 - Inclusão do verbete “semente”

Apoio:

CNPq UFGD Universidade Federal de Grande Dourados

O Dicionário Histórico de Termos da Biologia está licenciado sob a Licença Creative Commons Atribuição-NonCommercial-ShareAlike 4.0

Fonte: captura de tela.

O dicionário tem como objetivos específicos: compilar um *corpus* histórico-diacrônico com textos sobre as ciências biológicas, identificar as ocorrências dos termos em épocas anteriores, descrever as estruturas morfológicas (sufixos, prefixos, radicais eruditos etc.) empregadas em cada época na formação de termos, além de descrever a etimologia dos termos e as mudanças de forma e de significado pelas quais passaram ao longo do tempo. A seguir, consta a imagem da pesquisa pelo verbete “botânica” no site do dicionário.

Figura 7 – Exemplo de pesquisa com o verbete “botânica”

The screenshot shows the website interface for the 'Dicionário Histórico de Termos da Biologia'. The top navigation bar includes 'Home', 'Consulta', 'Documentação', and 'Curiosidades'. On the left, a search box titled 'Selecione uma entrada' displays a dropdown menu with 'Botânica' selected. The main content area features the entry for 'Botânica', which is a feminine noun. It includes a historical discussion, a definition, and a list of references. The definition states it is the part of natural history responsible for describing and studying plants. The discussion notes its origin in Latin and Greek, and its use since the 17th century. The references list various scientific works and dictionaries.

Botânica
substantivo feminino

Discussão histórico-etimológica: O étimo é, certamente, o latim científico *Botanica*, já empregado com o sentido de “ciência dos vegetais” desde o século XVII (cf., por exemplo, a obra “*Institutio Philosophica...*”, disponível em https://www.google.com.br/books/edition/Institutio_philosophica_ad_faciliorem_ve/K4KQ8cAgUsc, onde se lê, à p. 291, “*Botanica, seu plantarum scientia*”). O emprego em latim científico deriva da forma feminina do adjetivo grego *βοτανικός (botanikós)* “relativo às ervas”, atestado desde a Antiguidade (conforme informa o dicionário de Liddell, Scott e Jones).

Definição(ões):
1. Parte da História Natural responsável pela descrição e estudo dos vegetais.
1 - A Anatomia, Medicina, Economia, e muitas Artes são ramos dessa vasta sciencia, que se divide em Zoologia, **Botanica**, e Mineralogia. (VANDELLE, Domingos, 1788, p. II)
2 - Esta obra divide-se em Terminologia 1. dos Mammaes. 2. das Aves. 3. dos Peixes 4. dos Amphibios. 5. dos Insectos. 6. dos Vermes. 7. da **Botanica**. 8. e da Mineralogia. (VANDELLE, Domingos, 1788, p. V)
3 - As obras de Fabricio, Gouvañ, e Remo serviraõ para os Insectos, Peixes, e pela **Botanica**. (VANDELLE, Domingos, 1788, p. V)
4 - E não tendo até agora huma Flora de Portugal, e do Brasil, ajustamos a

Variantes e formas flexionadas: botanica

Botânica é atestado em 1771: “A Botanica conduz o Medico a estes conhecimentos, instruindo-o na Historia Natural do reino vegetavel, donde a Medicina tira grandes soccorros para formar os remedios, ou medicamentos.” (UNIVERSIDADE DE COIMBRA. *Compendio historico do estado da Universidade de Coimbra*. Lisboa: Regia Oficina Typografica, 1771. https://www.google.com.br/books/edition/Compendio_historica_do_estado_da_Univers/XpicAAAAcAAJ?hl=en&gbpv=0)

Autores(as) do verbete: Raissa Silveira Buss; Bruno Maroneze

Este verbete foi incluído em 16 Feb 2023 e atualizado em 14 Jun 2023

Como citar este verbete:
BUSS, Raissa Silveira; MARONEZE, Bruno. Botânica. In: MARONEZE, Bruno (coord.). *Dicionário Histórico de Termos da Biologia*. 2022. Disponível em: <https://dicio.fhch.up.br/>. Acesso em: 23 mar. 2024.

Fonte: captura de tela.

Como podemos observar, no verbete são descritos: classe gramatical, definição, discussão histórico-etimológica e atestações em textos científicos. O projeto está em constante construção e é filiado ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e ao Núcleo de Apoio à Pesquisa em Etimologia e História da Língua Portuguesa (NEHiLP).

3.3. SELEÇÃO DOS TERMOS ANALISADOS

Os termos selecionados a seguir foram retirados da obra de Brotero (1788), cuja datação consta como anterior às registradas na versão on-line do dicionário Houaiss (2012). Isso em vista, iniciamos a busca por unidades lexicais a partir da seção “Introdução”. A seguir, os termos estão ordenados conforme foram encontrados na obra de Brotero, seguidos da datação retirada do dicionário Houaiss (2012) na versão on-line.

- Zoologia (p. 2) – 1836.
- Botanica (p. 2) – 1790.

- Utrículo (p. 5) – 1788
- Membranosa (membranoso) (p. 5) – 1794
- Fecundante (p. 9) – 1858.
- Dioicas (dioico) (p. 9) – 1800
- Esverdinhado (p. 10) – 1836.
- Facultativos (facultativo) (p. 11) – 1789.
- Physiologista (fisiologista) (p. 5) – 1836
- Livrilho (p. 4) – 1788
- Seivosos (p. 5) – 1788
- Celular (cellular) (p. 5) – 1789
- Axe (axe do tronco; o mesmo que áxis) (p. 5) – 1827
- Propulsão (p. 6) – 1788

3.4. METODOLOGIA DE DESCRIÇÃO DOS TERMOS

Foi elaborado um protocolo de análise para facilitar a descrição da etimologia dos termos. Esse protocolo contou com as etapas a seguir.

- 1) Verificar se o significado do termo nos dicionários atuais (especialmente Houaiss (2012)) é o mesmo empregado por Brotero (1788).
- 2) Consultar a etimologia do termo no dicionário Houaiss.
- 3) Análise quanto a origem do termo:
 - a. Se for um termo de origem latina, consultar os dicionários de latim. Se o termo estiver presente no dicionário The Oxford Latin Dictionary ([s.d.]) e/ou no Gaffiot (2015), isso significa que ele já era empregado na Antiguidade. Se não estiver nesses dicionários, verificar se o termo aparece em textos latinos do Google Books dos séculos XVI e XVII.
 - b. Se for um termo de origem grega, consultar o dicionário de grego de Liddell, Scott e Jones (1843). Se estiver no dicionário, significa que já era empregado na Antiguidade. Se não estiver, verificar se ele aparece no dicionário de Forcellini e Furlanetto (1775) e/ou em textos latinos do Google Books dos séculos XVI e XVII.
 - c. Se for um termo de origem inglesa, espanhola, francesa etc., consultar os dicionários históricos dessas línguas.

- d. Se for um termo criado em português, verificar se há cognatos equivalentes em outras línguas (latim, espanhol, italiano, francês, inglês, alemão).
- 4) Por fim, analisar se as informações assim descobertas confirmam ou contestam o que está descrito no dicionário Houaiss.

4. ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção, apresentamos as análises de cada termo. Os termos são descritos no formato dos verbetes do “Dicionário Histórico de Termos da Biologia”, para facilitar a posterior inserção deles nessa obra.

Cada verbete contém o termo-entrada, a classe gramatical, a definição, os contextos extraídos da obra de Brotero e a discussão histórico-etimológica. Esta última trata do étimo, da datação do termo em português (o seu *terminus a quo*) e das mudanças de significado ocorridas. No caso dos latinismos, são apresentadas também as atestações do termo em latim.

4.1. ZOOLOGIA

- **Datação no Houaiss (2012):** 1836
- **Classe gramatical:** substantivo feminino
- **Definição:** ramo da História Natural que estuda os animais.⁴
- **Etimologia (segundo o Houaiss):** *zo(o)- + -logia*
- **Atestações:** “Em fim quando somente tracta dos animaes he chamada Zoologia” (Brotero, 1788, p. 2).
- **Atestações em latim:** Sperling, Kirchmaier e Farnase (1661); e Lanzoni (1689).
- **Discussão etimológica:** o étimo é o latim científico *zoologia*, já atestado no século XVII. Dessa forma, a descrição apresentada pelo Houaiss (2012) está imprecisa, sendo mais uma descrição morfológica do que etimológica.

4.2. BOTÂNICA

- **Datação no Houaiss (2012):** 1790
- **Classe gramatical:** substantivo feminino
- **Definição:** ciência que trata dos vegetais.
- **Etimologia (segundo Houaiss):** fem. gr. *botanikḗ* subentendido *tékhne* no sentido de ‘(ciência) que trata das ervas e das plantas’ do adj. gr. *botanikós, é, ón*, conexo com o subst. *botánē* no sentido de erva, planta, ambos do v.gr. *bóskō* no sentido de ‘apascentar,

⁴ Como o conceito de “biologia” provavelmente não existia ainda na época de Brotero, não convém definir “zoologia” como parte da biologia, mas, sim, como parte da história natural.)

dar de comer aos animais, nutrir’, representado no lat.medv. *botanĭcus,a,um*; 1ª doc. do voc. fem. no fr. *botanique* (1611); ver *botan(ic)-*.

- **Atestação em Brotero (1788, p. 2):** “[...]se so tracta dos vegetaes he chamada Phytologia ou Botanica (Phytologia, seu Botanica), mas este segundo nome he o mais usado.”
- **Atestação em latim:** “Compendio histórico do estado da Universidade de Coimbra [...]”, da própria Universidade de Coimbra (1771).
- **Discussão etimológica:** o étimo é, certamente, o latim científico *Botanica*, já empregado com o sentido de “ciência dos vegetais” desde o século XVII (Brotero, 1788).⁵ O emprego em latim científico deriva da forma feminina do adjetivo grego βοτανικός (*botanikós*) “relativo às ervas”, atestado desde a Antiguidade (conforme o dicionário de Liddell, Scott e Jones (1843)).

4.3. UTRÍCULO

- **Datação no Houaiss (2012):** 1788
- **Classe gramatical:** substantivo masculino
- **Definição:** cada um dos sacos ovais, esponjosos, grandes, situados transversalmente e que ocupam os intervalos dos vasos longitudinais.
- **Etimologia (segundo Houaiss):** lat. *utricŭ; lus, i* no sentido de “odre pequeno”; ver *utri-*.
- **Atestação em Brotero (1788, p. 5):** “Os Utriculos (utriculi) chamados taõbem tecido cellular, ou parenchyma, (parenchyma) são huma espécie de saccos ovaes, esponjosos, de varia grandeza, situados transversalmente e occupando as malhas ou entrevallos que deixaõ entre si os vasos longitudinaes.” (Brotero, 1788, p. 5).
- **Atestação em latim:** “[...] *utriculos aut membranosos ductus deorsum relabi. Cum plantæ ferulaceæ succo sunt turgide & transversim secantur, tubus cavus fibris ligneis & rectis constat: hos membrana fibrosa & dura obducit, inter fibram lineam & membranam[...]*” (Colbert, 1682, p. 560).
- **Discussão etimológica:** o étimo é o latim científico, visto que foi encontrado registro de seu uso em texto científico em latim anterior à obra de Brotero (1788), a qual o Houaiss (2012) constata como primeira atestação da palavra. Portanto, percebemos que

⁵ Conferir, por exemplo, “Botanica, seu plantarum scientia”, em “Institutio philosophica [...]”, de Edmond Pourchot (1700, p. 291).

a palavra já era utilizada em latim com o sentido de canais ou dutos de transporte de líquidos, assim como aparece em Brotero. Segundo os dicionários de Gaffiot e Oxford Latin Dictionary, Plínio usou *utriculus* com o sentido de “casca de certas sementes”. O latim científico pode ter recuperado esse emprego.

4.4. MEMBRANOSO

- **Datação no Houaiss (2012):** 1794
- **Classe gramatical:** adjetivo
- **Definição:** feito de membrana; em forma de membrana.
- **Etimologia (segundo Houaiss):** *membrana* + *-oso*; ver *membr-*; membrana: etimologia-lat. *membrana,ae* no sentido de ‘membrana, película’, der. de *membrum*; ver *membr-*.
- **Atestação em Brotero (1788, p. 5):** “[...] medulla contem os maiores e não parece ser outra coiza mais do que hum montão desta substancia vesicular ou vesiculas membranosas que communicã entre si.”
- **Atestação em latim:** “*membranosus*”, na obra de Gomez Ortega (1783).
- **Discussão etimológica:** observamos que a descrição etimológica que consta no Houaiss é morfológica, e que o étimo é o latim científico, como podemos ver na atestação anterior – na qual a palavra é utilizada com o sentido que possui até hoje, porém em período anterior ao datado no Houaiss.

4.5. FECUNDANTE

- **Datação no Houaiss (2012):** 1858
- **Classe gramatical:** adjetivo de dois gêneros
- **Definição:** que fecunda, fertiliza.
- **Etimologia (segundo Houaiss):** lat. *fecundans,antis* part.pres. do v.lat. *fecundo,as,ãvi,ãtum,ãre* no sentido de ‘fecundar, fertilizar’; ver *fecund-*.
- **Atestação de Brotero (1788, p. 9):** “As antheras sao huma especie de capsula ou bolsa que; dentro de huma túnica fina contem huma grande quantidade de pò de natureza resinosa (b), chamado ordinariamente pò fecundante.”
- **Atestação em latim:** Carl von Linne (1760).

- **Discussão etimológica:** o étimo é o latim *fecundans*, *-ntis*, particípio presente do verbo “*fecundo, are*”, com o sentido de “tornar fértil” (segundo The Oxford Latin Dictionary (s.d.)). Assim, *fecundans* seria, literalmente, “o que torna fértil”. O sentido científico já aparece em latim do século XVIII, conforme atestado em Linne (1760).

4.6. DIOICO

- **Datação no Houaiss (2012):** 1800
- **Classe gramatical:** adjetivo
- **Definição no Houaiss:** BOT que apresenta espécimes com flores masculinas e outros com flores femininas (diz-se de espécie).
- **Etimologia (segundo Houaiss):** *di-* + *-oico* do gr. *oîkos,ou* no sentido de ‘casa, habitação’.
- **Atestação Brotero (1788, p. 9):** “No tempo da madureza da anthera, a túnica desta rebenta, e o po ou glóbulos são lançados sobre o estigma vizinho, ou levados a elle pelos ventos no cazo que esteja distante (como succede nas flores dioicas).”
- **Atestação em latim:** “Systema naturae per regna tria naturae secundum classes, ordines, genera, species, cum characteribus, differentiis, synonymis, locis.” (Linne, 1760).
- **Discussão etimológica:** já aparece *dioicus* em latim científico em datação anterior a obra de Brotero (1788) e a informada pelo Houaiss (2012). A palavra já possuía o sentido que tem até hoje desde o latim. O Houaiss traz uma descrição morfológica, não etimológica. Embora os elementos formadores do termo sejam de origem grega, o termo foi de fato formado em latim, como se observa na obra de Linne (1760) mencionada.

4.7. ESVERDINHADO

- **Datação no Houaiss (2012):** 1836
- **Classe gramatical:** adjetivo
- **Definição no Houaiss:** m.q. esverdeado (adj.).
- **Etimologia:** part. de *esverdinhar*; ver *ver(d)-*; *esverdinhar*: etimologia- *es-* + *verde* + *-inhar* (derivado de(o) *-inho* + *-ar*); ver *ver(d)-*.
- **Atestação em Brotero (1788, p. 10):** “[...] e que pouco depois da fecundação se devjsa como hum ponto branco ou esverdinhado.”

- **Discussão etimológica:** possivelmente, trata-se do particípio de “esverdinhar”, mas não localizamos nenhuma outra forma desse verbo anterior ao texto de Brotero, nem localizamos o uso de outras formas verbais como “esverdinhasse” ou “esverdinhava” no Google Books em período anterior ou igual à obra de Brotero. Assim, há duas hipóteses:
 - O particípio “esverdinhado” foi formado por derivação parassintética e o verbo “esverdinhar” foi formado por retroformação; ou
 - O verbo “esverdinhar” foi formado por derivação parassintética e “esverdinhado” é o seu particípio. (Hipótese menos provável, por não ser atestado anteriormente ao particípio.)

A análise da retroformação é semelhante à proposta por Barbosa (2023, pp. 63-64) para “elongado” e outros particípios. Além disso, Barbosa (2023, pp. 31-33) ainda comenta sobre a dificuldade de se distinguir o sufixo -ado da terminação de particípio.

4.8. FACULTATIVO

- **Datação no Houaiss (2012):** 1789
- **Classe gramatical:** adjetivo
- **Definição:** que não é obrigatório.
- **Etimologia (segundo Houaiss):** rad. do lat. *facūltas, ātis* no sentido de ‘faculdade, possibilidade’ sob a f. *facultat-* + *-ivo*, prov. por infl. do fr. *facultatif* (no sentido definido); ver *faz-*.
- **Atestação em: Brotero (1788, p. 11):** “Antes de Linneo os termos facultativos de Botânica, nao tinhao hum a acepcao tao determinada como hoje tem [...].”
- **Atestação em latim:** Bibliotheca decisionum [...] (1718).
- **Discussão etimológica:** já existia *facultativus* no latim científico, como constatamos na obra livro acima, assim, a palavra era utilizada muito antes da datação do Houaiss. O adjetivo “facultativo” em português pode ser, na verdade, um latinismo a partir do latim científico, em vez de uma formação influenciada pelo francês, como afirma o dicionário Houaiss.

4.9. FISILOGISTA

- **Datação no Houaiss (2012):** 1800

- **Classe gramatical:** adjetivo e substantivo de dois gêneros
- **Definição:** especialista em fisiologia.
- **Etimologia (segundo Houaiss):** *fisiologia* + *-ista*; ver *fisi(o)-* e *-logia*; f.hist. 1836 *physiologista*.
- **Atestação em Brotero (1788, p. 5):** “Os rayos medullares, muitas raizes, frutos, e algumas plantas marinhas parecem ser quasi inteiramente utriculos, segundo as observações repetidas vezes feitas por muitos sábios physiologistas.”
- **Atestação em dicionário francês:** Atilf (s.d.).
- **Atestação em latim:** Louis Odier (1770).
- **Discussão etimológica:** observamos que a descrição apresentada pelo Houaiss (2012) é morfológica, pela união do termo *fisiologia*, que descreve com étimo em latim, com o sufixo *-ista* – portanto, não etimológica. Tendo em vista que a palavra era utilizada em francês, como constatamos no dicionário francês em 1669, e que Brotero estava na França, na época da publicação da sua obra, é possível que ele tenha emprestado e adaptado à língua portuguesa. A palavra também foi usada em latim por um autor genebrino em uma obra sobre música. Portanto, é provável que a palavra tenha vindo da língua francesa a partir do contato que Brotero teve na época com essa língua.

4.10. LIVRILHO

- **Datação no Houaiss (2012):** 1788
- **Classe gramatical:** substantivo masculino
- **Definição:** parte interna da casca dos vegetais.
- **Etimologia (segundo Houaiss):** *livro* + *-ilho*. ver ¹*livr-*.
- **Atestação em Brotero (1788, p. 3):** “O corpo dos vegetaes em geral consta de epidernne (epidermis); ou cuticula exterior apegada a casca (cortex) producções assáz conhecidas; a ultima lamina interna da casca, hum tanto mais compacta do que ella, he chamada livrilho ou alburno (liber, alburnum (b) que endurecido passa a ser lenho (lignum s. materies).”
- **Atestação em latim:** Antonio Albino da Fonseca Benevides (1841).
- **Discussão etimológica:** o Houaiss apresenta uma descrição morfológica, supondo que a palavra foi criada na língua portuguesa, pela composição do termo *livro* somado ao sufixo *-ilho*. No próprio texto de Brotero (1788), fica entendido que *livrilho* é a tradução de *liber* em latim. O termo latino *liber* significa *livro* na língua portuguesa, assim, é

possível que Brotero tenha sido o primeiro a fazer a associação da parte interna da casca dos vegetais, com os folhetos de um livro. Isso, pois, no segundo volume de sua obra, ele afirma: “o livrilho ou casca interna, que nalgumas arvores he separável, e se pode com hum alfinete facilmente desadunar em lâminas delgadas que representam os folhetos de hum livro” (Brotero, 1788, p. 212). Então, podemos entender que o autor tenha feito essa relação entre as duas palavras pelo fato da comparação que dá a entender nesse trecho. Antes de Brotero, não foram encontrados registros do uso do termo. Em 1841, o autor Antonio Albino da Fonseca Benevides afirma que essa relação de sentido entre *livrilho* e *livro* existe mesmo, quando afirma, em seu glossário, que o *livrilho* tem esse nome por ser composto por folhetos sobrepostos, como as folhas de um livro (Benevides, 1841). Portanto, concluímos que Brotero utilizou *livrilho* como um decalque não literal da forma latina *liber*, e que provavelmente notou relação de semelhança entre as duas coisas.

4.11. SEIVOSO

- **Datação no Houaiss (2012):** 1788
- **Classe gramatical:** adjetivo
- **Definição:** em que circula a seiva.
- **Etimologia (segundo Houaiss):** *seiva* + *-oso*.
- **Atestação em Brotero (1788, p. 5):** “Os vasos aereos, chamados ordinariamente tracheas (tracheae) são tubos formados de hum a lamina elastica, espiral, ou semelhante a hum arame enroscado á roda de hum vime. Achaõ-se em todo o corpo do vegetal, correm ordinariamente parallelas aos vasos seivosos, e parecem ter maior diametro ou calibre do que os outros vasos.”
- **Discussão etimológica:** o termo foi provavelmente criado na língua portuguesa por meio do processo da derivação sufixal – já abordado nesta pesquisa. Não foi possível encontrar atestação anterior a essa de Brotero (1788) no banco de dados do Google Books. Assim, Procurando no google books não conseguimos localizar uma atestação anterior a Brotero, é bem provável que ele tenha sido o primeiro a utilizar o termo em textos do período.

4.12. CELULAR

- **Datação no Houaiss (2012):** 1789
- **Classe gramatical:** adjetivo de dois gêneros
- **Definição:** referente à célula, ou composto por células.
- **Etimologia (segundo o Houaiss):** *célula* + *-ar* adj.; ver *cel-*; f.hist. 1789 *cellular*.
- **Atestação em Brotero (1788, p. 5):** “Os Utriculos (utriculi) chamados; taõbem tecido cellular, ou parenchyma, (parenchyma) são huma especie de saccos ovaes, esponjosos, de varia grandeza, situados transversalmente e occupando as malhas ou entrevallos que deixaõ entre si os vasos longitudinaes.”
- **Atestação em latim:** Douglas e Heister (1733).
- **Discussão etimológica:** constatamos que o dicionário Houaiss apresenta novamente uma descrição morfológica, como se a palavra tivesse sido formada na língua portuguesa. Porém, encontramos no Google Books o uso do termo *cellularis* no latim. Isso significa que o termo foi emprestado e adaptado para o português, tendo em vista que já existia no latim científico com o significado que possui até hoje, além de já ser utilizado bem antes da data informada no Houaiss.

4.13. AXE

- **Datação no Houaiss (2012):** 1827 (áxis)
- **Classe gramatical:** substantivo masculino de dois números
- **Definição:** eixo, centro de um corpo circular.
- **Etimologia (segundo Houaiss):** lat. *axis, is* no sentido de ‘eixo’; cp. divg. *eixo*; ver *axi-*.
- **Atestação (Brotero, 1788, p. 5):** “elles estão dispostos circularmente á roda do axe do tronco, mas achaõ-se em maior numero na casca, e se podem observar nas euphorbias, celidonia, carthamus lanatus [...]”.
- **Discussão etimológica:** podemos observar que o termo já era utilizado em período anterior ao informado pelo Houaiss, como vemos em Brotero, com o sentido que possui atualmente. Assim, podemos dizer que se trata de um latinismo, pois o termo sofreu apenas adaptação em sua integração ao léxico português.

4.14. PROPULSÃO

- **Datação no Houaiss (2012):** 1788

- **Classe gramatical:** substantivo feminino
- **Definição:** impulso para frente.
- **Etimologia (segundo Houaiss):** *propulsar* + *-ão*; ver *-pel-*
- **Atestação em Brotero (1788, p. 6):** “Nos vegetaes não ha coração nem circulação; o movimento dos seus succos he chamado propulsaõ (propulsio), o calor, frio ou frescura alternados, ou a acção do ar ambiente sobre a lamina das tracheas parece ser a causa da propulsaõ dos succos, ao menos ha grande probabilidade que a sua dilataçaõ e condensaçãõ ajuda muito o jogo dos vasos.”
- **Atestação em latim:** “*In quo, praeter primam respirationis i foetu inchoationem, aëris per circulum propulsio statuminarue, attrctio exploditur; experimentaque, ad explicandum sanguinis in corde tam auctum quam diminutum motum [...]*” (Swammerdam; Haller, 1738, em latim).
- **Discussão etimológica:** observamos que o Houaiss (2012) apresenta a descrição morfológica, não etimológica; além de alegar que a palavra foi formada na língua portuguesa a partir do verbo mais o sufixo *-ão*. Podemos constatar que a forma latina *propulsio* era utilizada bem antes de Brotero, o que revela que o autor apenas emprestou da língua latina; e que o termo sofreu adaptações, mas que não foi criado no português.

4.15. QUADRO-RESUMO

Quadro 1 – Quadro-resumo dos termos analisados

Termo	Data no Houaiss	Definição	Descrição etimológica	Processo de formação
Zoologia	1836	Ramo da História Natural que estuda os animais.	O étimo é o latim científico <i>zoologia</i> , já atestado no século XVII. Dessa forma, a descrição apresentada pelo Houaiss (2012) está imprecisa, sendo mais uma descrição morfológica do que etimológica.	Empréstimo (do latim científico); composição (por bases eruditas)
Botânica	1790	Ciência que trata dos vegetais	O étimo é, certamente, o latim científico <i>Botanica</i> , já empregado com o sentido de “ciência dos vegetais” desde o século XVII (Brotero, 1788). O emprego em latim científico deriva da forma feminina do adjetivo grego βοτανικός (<i>botanikós</i>) “relativo às ervas”, atestado desde a Antiguidade (conforme o dicionário de Liddell, Scott e Jones (1843)).	Empréstimo (do latim científico e este, do grego)
Utrículo	1788	Cada um dos sacos ovais, esponjosos, grandes, situados transversalmente e que ocupam os intervalos dos vasos longitudinais.	O étimo é o latim científico, visto que foi encontrado registro de seu uso em texto científico em latim anterior à obra de Brotero (1788), a qual o Houaiss (2012) constata como primeira atestação da palavra. Portanto, percebemos que a palavra já era utilizada em latim com o sentido de canais ou dutos de transporte de líquidos, conforme Brotero. Segundo os dicionários de Gaffiot e Oxford Latin Dictionary, Plínio usou <i>utriculus</i> com o sentido	Empréstimo (do latim científico)

			de “casca de certas sementes”. O latim científico pode ter recuperado esse emprego.	
Membranoso	1794	Feito de membrana; em forma de membrana.	Observamos que a descrição etimológica que consta no Houaiss é morfológica, e que o étimo é o latim científico, como podemos ver na atestação anterior – na qual a palavra é utilizada com o sentido que possui até hoje, porém em período anterior ao datado no Houaiss.	Empréstimo (do latim científico); derivação sufixal (subst. + -oso)
Fecundante	1858	Que fecunda, fertiliza.	O étimo é o latim <i>fecundans</i> , <i>-ntis</i> , participio presente do verbo “ <i>fecundo, are</i> ”, com o sentido de “tornar fértil” (segundo The Oxford Latin Dictionary (s.d.)). Assim, <i>fecundans</i> seria, literalmente, “o que torna fértil”. O sentido científico já aparece em latim do século XVIII, conforme atestado em Linne (1760).	Empréstimo (do latim científico); derivação sufixal (v + -nte)
Dioico	1800	BOT que apresenta espécimes com flores masculinas e outros com flores femininas (diz-se de espécie)	Já aparece <i>dioicus</i> em latim científico em datação anterior a obra de Brotero (1788) e a informada pelo Houaiss (2012). A palavra já possuía o sentido que tem até hoje desde o latim. O Houaiss traz uma descrição morfológica, não etimológica. Embora os elementos formadores do termo sejam de origem grega, o termo foi de fato formado em latim, como se observa	Empréstimo (do latim científico)

			na obra de Linne (1760) mencionada.	
Esverdinhado	1836	m.q. esverdeado (adj.)	<p>Possivelmente, trata-se do particípio de “esverdinhar”, mas não localizamos nenhuma outra forma desse verbo anterior ao texto de Brotero, nem localizamos o uso de outras formas verbais como “esverdinhasse” ou “esverdinhava” no Google Books em período anterior ou igual à obra de Brotero. Assim, há duas hipóteses:</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ O particípio “esverdinhado” foi formado por derivação parassintética e o verbo “esverdinhar” foi formado por retroformação; ou ○ O verbo “esverdinhar” foi formado por derivação parassintética e “esverdinhado” é o seu particípio. (Hipótese menos provável, por não ser atestado anteriormente ao particípio.) <p>A análise da retroformação é semelhante à proposta por Barbosa (2023, pp. 63-64) para “elongado” e outros particípios. Além disso, Barbosa (2023, pp. 31-33) ainda comenta sobre a dificuldade de se distinguir o sufixo -ado da terminação de particípio.</p>	<p>derivação parassintética (provavelmente)</p>

Facultativo	1789	Que não é obrigatório.	Já existia <i>facultativus</i> no latim científico, como constatamos na obra livro acima, assim, a palavra era utilizada muito antes da datação do Houaiss. O adjetivo “facultativo” em português pode ser, na verdade, um latinismo a partir do latim científico, em vez de uma formação influenciada pelo francês, como afirma o dicionário Houaiss.	Empréstimo (do latim científico); derivação sufixal (v + -ivo)
Fisiologista	1800	Especialista em fisiologia	Observamos que a descrição apresentada pelo Houaiss (2012) é morfológica, pela união do termo <i>fisiologia</i> , que descreve com étimo em latim, com o sufixo <i>-ista</i> – portanto, não etimológica. Tendo em vista que a palavra era utilizada em francês, como constatamos no dicionário francês em 1669, e que Brotero estava na França, na época da publicação da sua obra, é possível que ele tenha emprestado e adaptado à língua portuguesa. A palavra também foi usada em latim por um autor genebrino em uma obra sobre música. Portanto, é provável que a palavra tenha vindo da língua francesa a partir do contato que Brotero teve na época com essa língua.	Empréstimo (decalque do francês); derivação sufixal (subst + -ista)

Livrinho	1788	Parte interna da casca dos vegetais.	<p>O Houaiss apresenta uma descrição morfológica, supondo que a palavra foi criada na língua portuguesa, pela composição do termo <i>livro</i> somado ao sufixo <i>-ilho</i>. No próprio texto de Brotero (1788), fica entendido que <i>livrilho</i> é a tradução de <i>liber</i> em latim. O termo latino <i>liber</i> significa <i>livro</i> na língua portuguesa, assim, é possível que Brotero tenha sido o primeiro a fazer a associação da parte interna da casca dos vegetais, com os folhetos de um livro. Isso, pois, no segundo volume de sua obra, ele afirma: “o livrilho ou casca interna, que nalgumas arvores he separável, e se pode com hum alfinete facilmente desadunar em lâminas delgadas que representam os folhetos de hum livro” (Brotero, 1788, p. 212). Então, podemos entender que o autor tenha feito essa relação entre as duas palavras pelo fato da comparação que dá a entender nesse trecho. Antes de Brotero, não foram encontrados registros do uso do termo. Em 1841, o autor Antonio Albino da Fonseca Benevides afirma que essa relação de sentido entre <i>livrilho</i> e <i>livro</i> existe mesmo, quando afirma, em seu glossário, que o <i>livrilho</i> tem esse nome por ser composto por folhetos</p>	Derivação sufixal (subst + -ilho)
----------	------	--------------------------------------	--	-----------------------------------

			sobrepostos, como as folhas de um livro (Benevides, 1841). Portanto, concluímos que Brotero utilizou <i>livrilho</i> como um decalque não literal da forma latina <i>liber</i> , e que provavelmente notou relação de semelhança entre as duas coisas.	
Seivoso	1788	Em que circula a seiva.	O termo foi provavelmente criado na língua portuguesa por meio do processo da derivação sufixal – já abordado nesta pesquisa. Não foi possível encontrar atestação anterior a essa de Brotero (1788) no banco de dados do Google Books. Assim, Procurando no google books não conseguimos localizar uma atestação anterior a Brotero, é bem provável que ele tenha sido o primeiro a utilizar o termo em textos do período.	Derivação sufixal (subst + -oso)
Celular	1789	Referente à célula, ou composto por células.	Constatamos que o dicionário Houaiss apresenta novamente uma descrição morfológica, como se a palavra tivesse sido formada na língua portuguesa. Porém, encontramos no Google Books o uso do termo <i>cellularis</i> no latim. Isso significa que o termo foi emprestado e adaptado para o português, tendo em vista que já existia no latim científico com o significado que possui até hoje, além de já ser	Empréstimo (do latim científico); derivação sufixal (subst + -ar)

			utilizado bem antes da data informada no Houaiss.	
Axe	1827	Eixo, centro de um corpo circular.	Podemos observar que o termo já era utilizado em período anterior ao informado pelo Houaiss, como vemos em Brotero, com o sentido que possui atualmente. Assim, podemos dizer que se trata de um latinismo, pois o termo sofreu apenas adaptação em sua integração ao léxico português.	Empréstimo (do latim científico)
Propulsão	1788	Impulso para frente.	Observamos que o Houaiss (2012) apresenta a descrição morfológica, não etimológica; além de alegar que a palavra foi formada na língua portuguesa a partir do verbo mais o sufixo <i>-ão</i> . Podemos constatar que a forma latina <i>propulsio</i> era utilizada bem antes de Brotero, o que revela que o autor apenas emprestou da língua latina; e que o termo sofreu adaptações, mas que não foi criado no português.	Empréstimo (do latim científico)

Fonte: própria autoria (2024).

A partir dos dados obtidos, podemos concluir que, dos 14 verbetes descritos e analisados nesta pesquisa, 11 deles foram integrados ao léxico português por meio de empréstimo, do latim científico, exceto *fisiologista*, que foi decalque do francês.

No caso de *esverdinhado*, encontramos uma derivação parassintética, tendo em vista que, não pudemos localizar ocorrências de outras formas verbais no Google Books em período anterior ou igual à data de publicação de Brotero.

Em *livrilho*, temos uma derivação sufixal, observando que a palavra foi formada em língua portuguesa, e que possivelmente, Brotero fez associação da parte interna da casca dos

vegetais, com a palavra “livro”, que já existia na língua. O verbete *seivoso* também é uma derivação sufixal, pois não localizamos ocorrências anteriores a Brotero, assim, o mais provável é que o autor tenha sido o primeiro a utilizar o termo.

Estes termos analisados, servirão de subsídio para o Dicionário Histórico de Termos da Biologia, com exceção de *facultativos*, que não se encaixa na área de botânica ou biologia, mas que foi analisado por se tratar de um neologismo presente na obra de Brotero, retirado do primeiro capítulo, que serviu de *corpus* para a pesquisa.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho busca contribuir para estudos neológicos e etimológicos a partir da análise do *corpus* “Compêndio de Botânica” (1788), de Félix Avelar Brotero, botânico influente do século XVIII.

A partir das discussões e análises desenvolvidas neste trabalho, atestamos a importância e a influência do latim científico na língua portuguesa, visto que a maioria dos termos analisados e descritos anteriormente vieram do latim científico.

Tratamos de assuntos relevantes para a lexicografia, como a diferença do étimo e a origem e a retrodatação de termos já estarem inseridos na língua portuguesa antes da datação do Houaiss (2012). Também distinguimos as descrições morfológicas que o dicionário mencionado apresenta como sendo etimológicas; e acrescentamos informações relevantes para a construção da origem histórica dos termos abordados nas seções anteriores.

Esta pesquisa cumpriu os objetivos previamente estabelecidos de identificação de termos utilizados em Brotero (1788) com datação igual ou posterior ao dicionário Houaiss, e contribuição com o “Dicionário Histórico de Termos da Biologia”. Objetivamos ainda elaborar descrições etimológicas mais precisas, pesquisando o étimo e fazendo a retrodatação de tais termos em textos científicos por meio da ferramenta de busca on-line Google Books e em dicionários etimológicos de outras línguas, como espanhol e inglês.

Podemos constatar que o dicionário Houaiss (2012), na versão on-line, apresenta descrições morfológicas, não etimológicas, dos termos apresentados nesta pesquisa. Em vista disso, buscamos informações quanto à integração desses termos na língua portuguesa.

Constatamos também que Brotero contribuiu bastante para o enriquecimento do léxico científico português, pois utilizou em sua obra muitos empréstimos do latim científico, como podemos observar nesta pesquisa, e alguns termos formados no português. O latim foi usado para criar ou emprestar termos ao português. O contato com o francês e com diferentes línguas por parte de Brotero contribuiu para ele acrescentar novos termos ao léxico português.

Alguns desses empréstimos também podem ser analisados como derivados sufixais, como, por exemplo, *celular*: termo em que podemos analisar tanto como latinismo quanto como uma derivação sufixal. Isso prova que, mesmo sendo um latinismo, o termo está perfeitamente adaptado à estrutura gramatical do português.

Por fim, os termos analisados e discutidos na análise dos dados, servirão de subsídio para o “Dicionário Histórico de Termos da Biologia” (Maroneze; Rio-Torto, 2023), dentro da área de botânica.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Ieda Maria. **Neologismo: criação lexical**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2007.
- ATILF. ANALYSE ET TRAITEMENT INFORMATIQUE DE LA LANGUE FRANÇAISE. Trésor de la Langue Française informatisé. Université de Lorraine, s.d. Disponível em: <http://atilf.atilf.fr/tlf.htm>. Acesso em: 15 jul. 2024.
- BARBOSA, Kamila da Silva. **Termos neológicos formados pelo sufixos -ado na obra de Vandelli (1788)**. 2023. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Faculdade de Artes, Letras e Comunicação, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande. Disponível em: <https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/6740>. Acesso em: 14 jul. 2024.
- BARBOSA, Maria Aparecida. Aspectos da dinâmica do neologismo. **Língua E literatura**, n. 7, pp. 185–208, 1978. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linguaeliteratura/article/view/138126>. Acesso em: 14 jul. 2024.
- BARROS, Lidia Almeida. **Curso básico de terminologia**. São Paulo: EDUSP, 2004.
- BENEVIDES, Albino da Fonseca. Diccionario de glossologia botanica, ou Descrição dos termos technicos de organographia, taxonomia, physiologia e pathologia vegetal. Com a exposição succinta das familias naturaes e suas tribus actualmente adoptadas. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 1841. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/Diccionario_de_glossologia_botanica_ou_D/0YphAAAaAAJ?hl=pt-BR&gbpv=1&dq=livrilho&pg=PA273&printsec=frontcover. Acesso em: 15 jul. 2024.
- BIBLIOTHECA Decisionum [...]. Convento di Santa Maria in Aracoeli: Biblioteca, 1718. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/Bibliotheca_decisionum_Sac_Rot%C3%A6_Roma_n%C3%A6/jR1ND2NzXuAC?hl=pt-BR&gbpv=1. Acesso em: 15 jul. 2024.
- BIDERMAN, Maria Teresa C. A ciência da lexicografia. ALFA: Revista de Linguística. São Paulo, v. 28, n. 1, 1984. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3676>. Acesso em: 15 jul. 2024.
- BROTERO, Felix da Silva Avellar. Compêndio de Botanica. Paris, 1788. Disponível em: <https://obrasraras.usp.br/xmlui/handle/123456789/1502>. Acesso em: 15 jul. 2024.
- CASTEL-BRANCO, Cristina. **Félix de Avelar Brotero: uma história natural**. Lisboa: Livros Horizonte, 2007.
- COLBERT, Jacques-Nicolas. **Philosophia vetus et nova ad usum scholae accommodata, in regia burgundia olim pertractata. Qui logicam, metaphysicam [et] philosophiam moralem complectitur**. Tomus Prior. Impensis Johannis Ziegeri, Bibliopolae, 1682. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/PHILOSOPHIA_VETUS_ET_NOVA/S50tZqHVDCKC?hl=pt-BR&gbpv=0. Acesso em: 15 jul. 2024.

COROMINAS, Juan. Breve Diccionario Etimológico de la Lengua Castellana. Barcelona: Gredos, 2005.

CUNHA, Antonio Geraldo da. Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa. São Paulo: Lexikon, 2010. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=4yiODwAAQBAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 15 jul. 2024.

DOUGLAS, James; HEISTER, Elias Friedrich. Iacobi Douglasii... Descriptio peritonaei et membranae cellularis vna cum recensione veri situs omnium viscerum abdominis quantum ad has membranas attinet ex anglico latine versa et annotationibus aucta ab Elia Friderico Heistero. Impensis Christ. Fider. Weygandi, 1733. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/Iacobi_Douglasii_Descriptio_peritonaei_e/HHW4WMqfFMsc?hl=pt-BR&gbpv=0. Acesso em: 15 jul. 2024.

FINATTO, Maria José Bocorny. Medicina em português no século XVIII: desafios da Terminologia Diacrônica no cenário das Humanidades Digitais. **Revista Panace@**, v. 21, n. 52, pp. 20–36, 2020. Disponível em: <https://repositori.uji.es/xmlui/handle/10234/197540>. Acesso em: 14 jul. 2024.

FORCELLINI, Egidio; FURLANETTO, Giuseppe. **Forcellini**: Lexicon Totius Latinitatis (Latino-Latinum), 1775. Disponível em: <http://www.lexica.linguax.com/forc.php>. Acesso em: 15 jul. 2024.

GOMEZ ORTEGA, Casimiro. **Tabulae botanicæ, in quibus synopticè exhibentur classes, sectiones, et genera plantarum in Institutionibus Tournefortianis tradita etc. (Tablas botánicas etc.) Lat. and Span**, 1783. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/Tabul%C3%A6_botanic%C3%A6_in_quibus_synoptic%C3%A8_e/y7dgAAAACAAJ?hl=pt-BR&gbpv=0. Acesso em: 15 jul. 2024.

GRÉCO, Gérard; WILDE, Mark de; MARÉCHAL, Bernard; ÔKUBO, Katsuhiko. Gaffiot, 2015. Disponível em: <https://gaffiot.org/>. Acesso em: 15 jul. 2024.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. **Grande dicionário Houaiss beta da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss, 2012. Disponível em: <http://houaiss.uol.com.br/>. Acesso em: 14 jul. 2024.

KRIEGER, Maria da Graça; MACIEL, Anna Maria Becker. (Org.). **Temas de terminologia**. São Paulo. Porto Alegre: Universidade/UFRGS/Humanitas/USP, 2001

LANZONI, Giuseppe. Zoologia Parva. **Sive Tractatus de Animalibus Ad Medicinam Facientibus** [...]. [S.l.], 1689. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/Zoologia_Parva/J9Q8AAAACAAJ?hl=pt-BR&gbpv=0. Acesso em: 15 jul. 2024.

LIDDELL, Henry George; SCOTT, Robert; JONES, Henry Stuart. **A Greek-English Lexikon**. Oxford: Oxford University Press, 1843.

LINNE, Carl von. Systema naturae per regna tria naturae secundum classes, ordines, genera, species, cum characteribus, differentiis, synonymis, locis. Praefatus est Joannes Joachimus

Langius. Ad ed. X. reformatam Holmiensem. (n.p.): Curt, 1760. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/Systema_naturae_per_regna_tria_naturae_s/yiZVA AAACAAJ?hl=pt-BR&gbpv=0. Acesso em: 15 jul. 2024.

MACEDO, Cristian Cláudio Quinteiro. A arte da tradução: um breve exercício de Terminologia Diacrônica. **Cadernos do IL**, [S.l.], v. 1, n. 59, p. 255-270, 2019. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/cadernosdoil/article/view/92537>. Acesso em: 14 jul. 2024.

MARONEZE, Bruno Oliveira (Coord.). **Dicionário Histórico de Termos da Biologia**, 2022. Disponível em: <https://dicbio.fflch.usp.br/#objetivos>. Acesso em: 15 jul. 2024.

MARONEZE, Bruno Oliveira; ALVES, Ieda Maria. Neologia: histórico e perspectivas. Revista **GTLex**. Uberlândia, v. 4, n. 1, p. 6–32, 2020. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/GTLex/article/view/55082>. Acesso em: 14 jul. 2022.

MARONEZE, Bruno Oliveira. Termos neológicos em sincronias pretéritas: um estudo do “Dicionário dos Termos Technicos de Historia Natural” de Vandelli. In: GIL, Beatriz Daruj; CARDOSO, Elis de Almeida; ARAÚJO, Mariângela de; CONDÉ, Valéria Gil. **Saberes lexicais**. São Paulo: FFLCH/USP, 2019. Disponível em: https://www.academia.edu/39991245/Termos_neol%C3%B3gicos_em_sincronias_pret%C3%A9ritas_um_estudo_do_Diccionario_dos_Termos_Technicos_de_Historia_Natural_de_Vandelli. Acesso em: 14 jul. 2024.

MERKIN, Robert. The historical/academic dictionary. In: HARTMANN, R. R. K. (ed.). **Lexicography: Principles and Practice**. London / New York: Academic Press, 1983, pp. 123-133.

ODIER, Louis. Epistola physiologica inauguralis de elementariis musicae sensationibus... Reino Unido: apud Balfour, Auld, et Smellie, 1770. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/Epistola_physiologica_inauguralis_de_ele/04AOVdJ6Z7cC?hl=pt-BR&gbpv=1&dq=physiologista&pg=PA31&printsec=frontcover. Acesso em: 15 jul. 2024.

OXFORD Scholarly Editions Online. The Oxford Latin Dictionary. Oxford University Press; PubFactory: [s.d]. Disponível em: <https://www.oxfordscholarlyeditions.com/page/95>. Acesso em: 15 jul. 2024.

POURCHOT, Edmond. Institutio philosophica ad faciliorem veterum et recentiorum philosophorum lectionem comparata. In: **Joannem Baptistam Coignard**, v. 3, 1700. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/Institutio_philosophica_ad_faciliorem_ve/fk4KQkeAgUsC. Acesso em: 15 jul. 2024.

REALE, Miguel. Avelar Brotero, ou a ideologia sob as Arcadas. **Revista da Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo**, v. 50, p. 131-169, 1955. Disponível em: <https://www.periodicos.usp.br/rfdusp/article/view/66226>. Acesso em: 14 jul. 2024.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2015.

SANTUCCI, Bernardo. Anatomia do corpo humano: recopilada com doutrinas medicas, chemicas, filosoficas, mathematicas, com indices, e estampas, representantes todas as partes do corpo humano, dividida em tres livros. Na officina de Antonio Pedrozo Galram, 1739. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?id=D83JL7ybBeUC&newbks=1&newbks_redir=0&dq=in author:%22Bernardo+Santucci%22&hl=pt-BR&source=gbs_navlinks_s](https://books.google.com.br/books?id=D83JL7ybBeUC&newbks=1&newbks_redir=0&dq=in+author:%22Bernardo+Santucci%22&hl=pt-BR&source=gbs_navlinks_s). Acesso em: 15 jul. 2024.

SILVA, Antônio de Moraes; BLUTEAU, Rafael. **Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e acrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro**. Lisboa: Na Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789, v. 2, 541p.

SPERLING, Johann; KIRCHMAIER, Georg Caspas; FARNASE. **Johannis Sperlingi... Zoologia physica posth. brevi & perspicuo ordine, ab ipso, cum in vivis esset, autore adornata... Accessit in fine Disputationum zoolog. hexas De basilisco, unicornu, phoenice, behemoth & leviathan... M. Georgi Casp. Kirchmaieri**. Impensis haeredun Joh. Bergeri, 1661. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/Johannis_Sperlingi_Zoologia_physica_post/L1GW_BzFxAswC?hl=pt-BR&gbpv=0. Acesso em: 15 jul. 2024.

SWAMMERDAM, Jan; HALLER, Albrecht von. Johan. Swammerdami Amstelaedamensis, medicinae doctoris tractatus physico-anatomico-medicus de respiratione usuque pulmonum: in quo, praeter primam respirationis in foetu inchoationem, aëris per circulum propulsio statuminarue, attrctio exploditur; experimentaque, ad explicandum sanguinis in corde tam auctum quam diminutum motum, in medicum producuntur. Países Baixos: apud Conradum Wisshoff, 1738. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/Johan_Swammerdami_Amstelaedamensis_medic/g_ehjAAAACAAJ?hl=pt-BR&gbpv=0. Acesso em: 15 jul. 2024.

UNIVERSIDADE DE COIMBRA. Compendio historica do estado da Universidade de Coimbra, no tempo da invasão dos denominados Jesuitas e dos estragos feitos nos sciencias e nos professores, e directores que a regiam pelas maquinações, e publicações dos novos Estatutos, por elles fabricados. The British Library, 1771. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/Compendio_historica_do_estado_da_Univers/Xp1eAAAACAAJ?hl=en&gbpv=0. Acesso em: 15 jul. 2024.

VANDELLI, Domingos. Diccionario dos termos technicos de História Natural : extrahidos das Obras de Linnéo, com a sua explicação, e estampas abertas em cobre, para facilitar a intelligencia dos mesmos : e a Memoria sobre a utilidade dos jardins botanicos : que offerece a Raynha D. Maria I. Nossa Senhora / Domingos Vandelli Director do Real Jardim Botanico, e Lente das Cadeiras de Chymica, e de Historia Natural na Universidade de Coimbra. &c. - Coimbra : na Real Officina da Universidade, 1788. Disponível em: <https://permalinkbnd.bnportugal.gov.pt/records/item/92571-diccionario-dos-terminos-technicos-de-historia-natural>. Acesso em: 15 jul. 2024.

VIARO, Mário Eduardo. **Etimologia**. São Paulo: Contexto, 2011.

WELKER, Herbert Andreas. **Dicionários**: uma pequena introdução à lexicografia. 2. ed. Brasília: Thesaurus, 2004.

